



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Damiana Andrelane Mota da Silva

**O PROCESSO DE DEIFICAÇÃO DE JESUS: UM ESTUDO COMPARATIVO**  
**ENTRE O EVANGELHO DE JOÃO E O EVANGELHO EXTRACANÔNICO DE**  
**FELIPE**

Picos - PI

2021

Damiana Andrelane Mota da Silva

O processo de deificação de Jesus: um estudo comparativo entre o Evangelho de João e o Evangelho extracanônico de Felipe

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação da Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Júnior.

Picos

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo Serviço de**  
**Processamento Técnico**

**S586p** Silva, Damiana Andrelane Mota da

O processo de deificação de Jesus: um estudo comparativo entre o Evangelho de João e o Evangelho extracanoônico de Felipe / Damiana Andrelane Mota da Silva – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. José Petrucio de Farias Júnior”

1. Jesus-histórico. 2. Evangelhos. 3. Extracanoônico. 4. Império Romano. 5. História Antiga. I. Farias Júnior, José Petrucio de. II.

Título

CDD 937



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e seis (26) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Damiana Andrelane Mota da Silva** sob o título **O PROCESSO DE DEIFICAÇÃO DE JESUS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O EVANGELHO DE JOÃO E O EVANGELHO EXTRACANÔNICO DE FELIPE**.

#### A banca constituída pelos professores:

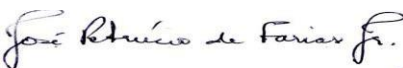
Orientadora: Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior

Examinador 1: Profa. Ma. Juliana Batista Cavalcanti Miranda Tavares

Examinador 2: Profa. Verônica Lima de Carvalho

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 26 de janeiro de 2021.

Orientador (a): 

Examinador (a) 1: 

Examinador (a) 2: 



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**Coordenação do Curso de História**  
**Coordenação de Trabalho de Conclusão do Curso de**  
**História**



## **DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que: Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior (Orientador), Profa. Ma. Juliana Batista Cavalcanti Miranda Tavares (Examinadora), e Profa. Verônica Lima de Carvalho (Examinadora) participaram da Defesa de Monografia de **Damiana Andrelane Mota da Silva**, tendo como título: **O**

**PROCESSO DE DEIFICAÇÃO DE JESUS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O EVANGELHO DE JOÃO E O EVANGELHO EXTRACANÔNICO DE**

**FELIPE**, realizada em 26 de janeiro de 2021, no Curso de História, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet.

Picos (PI), 26 de janeiro de 2021.

  
*Raimundo Nonato Lima dos Santos*

**Coordenador de Trabalho de Conclusão do Curso de História**

Portaria nº 02/2019 – CCHIST/CSHNB/UFPI, de 4 de abril de 2019

SIAPE 2615915

“Aos e por meus pais e irmãos.”

## **Agradecimento**

A vida é mesmo uma caixinha de surpresas. Na última atualização desta lista de agradecimentos essa página estava repleta de nomes de amigos, professores, familiares e até colegas que eu acreditei fielmente que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Ainda acredito que todos os nomes citados aqui na primeira etapa não apenas foram como ainda são fundamentais para o processo de desenvolvimento desta monografia. Entretanto, no decorrer deste último ano “caótico” muitas coisas aconteceram: uns chegaram, outros se distanciaram, outros permanecem. Mas, todos com seu papel de fundamental importância - Fazer história!

Por esse motivo, neste agradecimento, eu decidi fazer diferente. Não pretendo citar nomes, mas externar minha gratidão a todas as pessoas que passaram por mim de forma positiva ou negativa e estender a todas que estão e que ainda estarão comigo no decorrer da vida. Acredito que todos tem algo a ensinar, se não for de forma positiva, nos ensinam a não agir semelhante a eles.

Hoje, agradeço a Deus pelo dom da vida, agradeço aos meus pais e irmãos pela parceria, agradeço aos amigos, agradeço ao meu orientador, agradeço aos meus professores do ensino fundamental, médio e superior, agradeço a todos que estiveram e me ensinaram alguma coisa no decorrer destes meus 22 anos... E por fim, agradeço sobretudo a mim, que continuo lutando pelo meu desenvolvimento e que sou minha integral companhia em todos os momentos!

**Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás para atravessar o rio da vida – ninguém, exceto tu, só tu.**

**Friedrich Nietzsche**

## RESUMO

Este trabalho pretende contribuir com as perspectivas historiográficas sobre o estudo do processo de deificação de Jesus de Nazaré, a partir da comparação entre o Evangelho de João e o Evangelho extracanoônico segundo Felipe. Para tanto, analisou-se os discursos em torno do Nazareno, do nascimento do cristianismo e da sua propagação. Fez-se uso do método de pesquisa da história comparada juntamente com a concepção de discurso e suas relações de poder, tal como propostos por Michel Foucault. Buscou-se localizar os escritos sobre Jesus na sociedade romana imperial, percebendo as estratégias discursivas que deram base para a divinização de Jesus segundo o Evangelho de João e o Evangelho extracanoônico de Felipe.

**Palavras-chave:** Jesus Histórico. Evangelhos. Extracanoônico. Império Romano. História Antiga.



## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>07</b>
<b>2 Livros canônicos e livros extracanônicos: produção, circulação e recepção na sociedade romana imperial.....</b>	<b>12</b>
<b>3 O Evangelho de João e a deificação de Jesus. ....</b>	<b>18</b>
<b>4 O Evangelho extracanônico de Felipe e a deificação de Jesus. ....</b>	<b>25</b>
<b>5 Análise comparativa dos processos de deificação.....</b>	<b>29</b>
<b>6 Considerações finais .....</b>	<b>33</b>
<b>7 Referências .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas perguntas vêm à tona quando se é pensada a possibilidade da união entre a concepção de um Jesus divino e como este pode ser analisado cientificamente. Ou seja, a comparação entre o Jesus histórico e o Jesus da fé. Por isso procuraremos analisar em que medida as duas perspectivas se complementam e/ou divergem. Acreditamos que “a história é o passado reconstruído interativamente pelo presente através das evidências discutidas no discurso público” (CROSSAN, 2005, p. 167). Assim, investigaremos se o Jesus histórico é uma reconstrução do que seria o Jesus da fé e/ou vice e versa e de que maneira o discurso fez do Jesus, o nazareno, um ser divino, no âmbito da literatura cristã. Faremos uso do *Evangelho segundo João e do Evangelho extracanonico segundo Felipe* pensando-os dentro dos contextos históricos e respaldados pelos estudos das religiões.

Percebe-se que os discursos são intencionais, produzidos por um autor, imerso em uma sociedade permeada por relações de poder, no interior das quais se situa e de onde produz suas narrativas, considerando seus destinatários ou os grupos com quem dialogam. Assim, procuraremos perceber de que maneira o discurso influenciou e influencia na notoriedade de um ser e também a forma que esse discurso é aceito socialmente.

Isso nos possibilitará pensar a divinização de Jesus como uma construção discursiva que mobiliza fórmulas literárias aceitas e conhecidas na literatura antiga pelos grupos sociais. É importante frisar que não nos cabe afirmar se a divinização se constitui literalmente ou não como parte de um plano salvação, já que isso é uma questão de fé, entretanto, o intuito desta pesquisa é entender de que maneira se deu essa construção socialmente, percebendo as construções históricas e estabelecendo diálogos entre as fontes.

O estudo a respeito da figura de Jesus e da sua divindade vem sendo implementado há algum tempo nos estudos históricos, tanto por sua representação histórica, como também, devido aos impactos e as influências que o cristianismo trouxe para as sociedades.

Um desses impactos foi a implementação do cristianismo no Império Romano, pressupõe-se que seu avanço deu-se como consequência do discurso que estava afinado com a cultura romana, por exemplo o não estranhamento de Jesus enquanto ser divino por parte dos romanos. Compreende-se que o processo de

divinização já estava presente na comunidade romana imperial antes da chegada do cristianismo no Império, o que inclusive pode ter contribuído para a sua aceitação, já que a confirmação do status de figuras importantes seria uma prática comum entre os romanos.

Partindo deste viés, procuraremos entender, a partir das fontes históricas analisadas, quando e como Jesus passou a ser visto como um ser divino, tornando-se uma autoridade. Posto isso, acreditamos que através da análise do discurso poderemos entender a aceitação e o intuito dos escritos que dizem a respeito da constituição de Jesus como um ser divino. Buscaremos correlacionar os discursos em torno do Nazareno, do nascimento do cristianismo e da sua propagação para identificar em que parte se complementam e divergem, destacando de onde falam, de quem, em que lugar e para quem esses escritos foram destinados.

Neste seguimento, é cabível ressaltar que os escritos entrelaçados a Jesus, por muito tempo, não estiveram voltados a problematizar sua figura e feitos, o que acabou impactando diversos povos. “Uma vez que as identidades possuem forte elo com a memória, podemos sublinhar que a escrita produzida nestes lugares de memória tende a filiar indivíduos e grupos numa narrativa que se tornou hegemônica sobre o grupo social.” (NASCIMENTO, 2018, p. 16) Neste sentido, ao entender que se faz necessário conhecer mais a fundo sobre a construção discursiva acerca de Jesus, uma vez que, boa parte dos estudos acadêmicos sobre o mesmo pertencem ao campo teológico.

Elucidaremos a respeito do processo de deificação de Jesus, isto é, em que medida o Jesus, até então, Jesus de Nazaré e/ou nazareno, é configurado como Cristo, uma divindade. Quando nos direcionamos a pesquisar a figura de Jesus e seus feitos, nos deparamos com muitos questionamentos, são questões que estão enraizadas na sociedade e que devem ser analisadas.

Desta forma, acredita-se que é necessário que tais perspectivas sejam historicizadas para que possam ser entendidas dentro de um contexto histórico cultural de um período. Assim, para compreender e constituir uma pesquisa, na qual o tema central implique direto ou indiretamente na crença ou não crença, é preciso primordialmente estabelecer diálogos entre as fontes, respaldando-se nas circunstâncias históricas, condições culturais e da produção dos discursos presentes na mesma.

Tendo ciência da complexidade do tema, visto o que já foi mencionado, faremos uso do método de pesquisa da História Comparada idealizado por José D'Assunção Barros; Uma vez que, a História Comparada pode oferecer ao historiador a possibilidade de perambular por mais de um espaço/tempo percebendo a distinção entre as culturas, práticas sociais e econômicas distintas, possibilitando uma análise mais profunda sobre os costumes, percebendo suas semelhanças e diferenças e oferecendo-lhes novas concepções a respeito do que se é comparado.

Assim, no presente trabalho o *Evangelho canônico de João e o Evangelho extracanônico de Felipe* serão nosso objeto de comparação. Acreditamos que ao longo dos anos os estudos da história das religiões vem ganhando bastante espaço nas academias e crescendo também na utilização de seus próprios métodos de pesquisas. Neste sentido, apesar de nos apoiarmos na metodologia da análise do discurso de Michel Foucault, cabe enfatizar que a presente monografia pertence à história do estudo das religiões.

Posto isso, acreditamos que a metodologia da análise do discurso proposta por Michel Foucault em “A ordem do discurso” também se faz de grande importância para a construção do presente estudo, visto que a interpretação do discurso no comparativo das fontes, nas suas análises e na explanação dos teóricos antepostos possibilitará uma maior compreensão e aprofundamento da temática. Segundo o teórico, a análise do discurso está totalmente entrelaçado a sociedade. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder pelo qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10) Neste cenário, pode-se perceber que o discurso perpassa a ideia de como se é constituída uma realidade por meio do discurso a partir do momento em que tal narrativa passa a ser aceita, reconhecida e valorizada por determinadas comunidades. Assim, para Foucault, o discurso institui modos de agir e pensar que se integram à vida prática.

É preciso então repor um pouco de ordem em tudo isso; imaginar um projeto, uma coerência, uma temática que se pede a consciência ou à vida de um autor, na verdade, talvez um pouco fictício. Mas, isso não impede que tenha existido, esse autor real, esse homem que irrompe em meio a todas as palavras usadas, trazendo nelas seu gênio ou sua desordem. (FOUCAULT, 1999, p. 28)

Deste modo, é através da análise do discurso que poderemos compreender a aceitação e, principalmente, o intuito dos escritos que dizem a respeito da

constituição de Jesus como um ser divino, e também obteremos respaldo suficiente para depreender o estudo comparativo das fontes. Assim, buscaremos localizar os escritos sobre Jesus na sociedade romana imperial para em seguida perceber as estratégias discursivas que possam dar base para a divinização de Jesus presente no *Evangelho de João e no extracanonico de Felipe e a posteriori* analisarmos os contextos históricos envoltos a Jesus como figura histórica.

Doravante, este trabalho terá como objetivo geral: compreender como se constituiu a figura de Jesus como um ser divino. E como objetivos específicos: Identificar os artifícios discursivos que contribuíram para o processo de divinização de Jesus, considerando as diferentes formações discursivas de que os autores dos evangelhos fazem parte; verificar em que medida os discursos se complementam e divergem e entender de onde falam, para quem e em que tempo, logo também, seus impactos na sociedade imperial e posteriores.

Neste aspecto, a pesquisa se faz relevante por traçar esses dois panoramas. É importante ressaltar que não é nosso intuito caracterizar se os feitos de Jesus que foram transcritos fazem ou não parte de uma mitologia, já que trabalhamos dentro do viés da história das religiões “a história das religiões toma as experiências religiosas mediterrânicas em perspectiva comparada e, através da diacronia, estuda as bases e ideologias por trás dos mitos de cada experiência religiosa sem, contudo, duvidar de sua historicidade.” (JUSTI, 2015, p. 38) Assim, procuraremos entender como a partir deles Jesus foi considerado um ser divino, entende-se que para compreender o cristianismo sem partir necessariamente de um lado é preciso despir de todos os ‘achismos’, sendo necessário ser “treinado viver nas montanhas” (NIETZSCHE, 2012, p. 12) para assim ver o desprezível e o não desprezível do que está abaixo, isto é, para que possamos, apesar das influências religiosas que estamos inseridos, constituir um trabalho acadêmico com respaldo científico.

(RAMALHOS, 2008) indaga possíveis causas do porque o filho de Maria e José um carpinteiro, tenha sido aclamado como um ser divino, dentre eles: “Sobre a divindade de Cristo, objeto de estudo desta obra, muitos a têm negado, chegando a afirmar que somente a partir do Concílio de Nicéia e por intermédio da autoridade política do imperador Constantino, é que se tornou uma doutrina presente nas comunidades cristãs” (RAMALHOS, 2008, p. 17). Isto é, para esses a figura de Cristo só passou a existir a partir do momento em que Constantino então imperador

romano resolveu permitir o culto do cristianismo no ocidente, entendido como um ato inteiramente voltado aos interesses políticos do Império Romano.

Dividiremos nosso trabalho por seções, tendo ao todo quatro seções: A primeira seção alude a respeito das circunstâncias históricas que possibilitaram para a propagação do discurso cristão e sobre o seu fortalecimento na sociedade romana. Na segunda seção trabalharemos o Evangelho segundo João, tendo como intuito oferecer uma maior compreensão da forma como a comunidade joanina entende e percebe o processo de deificação de Jesus. A terceira refere-se ao aporte do evangelho extracanonico de Felipe no processo de deificação de Jesus e sua contribuição na constituição das perspectivas das culturas, dentre elas o gnosticismo, percebendo a importância da gnose na constituição da ideia de conhecimento e sua importância no que interessa a história das religiões. Em suma, no âmbito histórico, esses escritos nos permitem conhecer e nos aprofundar nessa literatura que foi ignorada pela Igreja Católica, possibilitando que possamos expandir o conhecimento sobre o Nazareno. Na quarta buscaremos compreender todas as peculiaridades apresentadas em ambos evangelhos para um maior êxito do entendimento do processo da construção da apoteose de Jesus Nazareno. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais e traremos as referências consultadas.

Partimos então destas análises para buscar entender esse processo de deificação de Jesus de Nazaré, dado que, nossa pesquisa alude a um tema pouco abordado na historiografia brasileira, porquanto pretende investigar, através de seções, o processo da deificação de Jesus, sob a ótica do *Evangelho de João* e do *Evangelho extracanonico de Felipe*.

Buscaremos, desta forma, fundamentar nossa pesquisa na tentativa de mostrar um novo olhar sobre a deificação de Jesus. Podemos complementar que temos todas as ferramentas para a construção da narrativa histórica, uma vez que, as fontes são acessíveis e possui-se respaldo teórico metodológico para a elaboração da mesma.

## **2 Livros canônicos e livros extracanônicos: *produção, circulação e recepção na sociedade romana imperial.***

Dentre os diversos personagens históricos existentes, poucos ganharam renome com o passar do tempo. Jesus de Nazaré foi um dos que conseguiu se manter presente por tanto tempo na memória e vida de diversos povos em todo o mundo. Um exemplo disto, é o fato do seu nascimento possuir a posição de marco cronológico, isto é, antes e depois de Cristo (a.C. e d.C.) que se consolidou e se faz presente até a atualidade desde a publicação do calendário gregoriano, promulgado pelo Papa Gregório XIII (1502-1585). Em vista disto, e o percebendo como um ser histórico, se faz necessário analisar os documentos que foram destinados para a produção da vida, ações e trajetória do Nazareno. “A história só se faz com documentos. O passado já não existe e apenas podemos conjecturar a seu respeito por meio de testemunhos, diretos ou indiretos, materiais ou imateriais” (CHEVITARESE, 2016, p. 07).

Ao se referir a vida de Jesus de Nazaré, nos deparamos com distintos tipos de fontes, desde os livros cristãos presentes no que hoje é a Bíblia até artifícios que não abrangem o universo cristão, como é o caso dos achados arqueológicos. Aqui analisaremos duas destas fontes, a mais conhecida que seria um dos livros canônicos, presentes na Bíblia e um dos livros extracanônicos, em que ambos refletem sobre a vida de Jesus, nosso objeto de estudo. Assim, para compreender as circunstâncias históricas que possibilitaram a propagação do discurso cristão bem como seu fortalecimento na sociedade romana, é preciso entender o momento histórico em que o Império Romano estava inserido.

De um ponto de vista histórico, alguns elementos foram fundamentais para a propagação do discurso cristão bem como da sua recepção entre os romanos: O final da República Romana; o descontentamento do povo romano com os deuses; os pactos de negociações que acarretaram em um projeto expansionista de Roma e a receptividade dos romanos com as divindades podem ter coadjuvado para o avanço das religiões orientais no império.

Neste último, pode-se destacar alguns fatores como a possibilidade de purificação dos pecados, a relação entre o homem e divindade, bem como a hierofania, isto é, a manifestação dos deuses, esses podem ter sido cruciais para que a sociedade romana tenha simpatizado com as religiões orientais. Para além da

camada popular, o discurso cristão também alcançou a alta cúpula da sociedade romana desencadeando, desta forma, uma proximidade e troca de experiências entre bispos e os líderes do império o que, conseqüentemente, tornou-se uma estratégia política. Logo, as divindades possuíam papéis importantes na vida dos indivíduos bem como nas relações sociais do Império e ademais (BELTRÃO, 2013). Assim, entende-se que buscavam manter a unidade entre Deus e Jesus, porém, com um fim específico. “A vontade de unificação que é a seqüência do projeto imperial e, enfim, a convergência de interesses” (BASCHET, 2006, p.76).

Tendo em vista as diversas ressignificações ao longo do tempo, sejam nas leis ou sentidos literais que o cristianismo ocorreu, boa parte dos estudiosos vão atribuir ao imperador Constantino o encargo de cristianizar, por meio de leis, Roma. “A adoração ao imperador era considerado prova de lealdade. Nos lugares mais visíveis de cada cidade, havia uma estátua do imperador reinante” (HURLBUT, 2007, p. 61).

Segundo Paul Veyne (2011), a convenção de Constantino se deu, devido ao fato de que Roma estava passando, naquele momento, por conflitos políticos. O que culminou em uma apropriação do cristianismo devido ao apoio para a permanência no trono. “Os cristãos, como louvação a Constantino, dirão falsamente que Maxêncio tinha sido perseguidor[...] e foi no curso dessa campanha que se converteu, depositando sua confiança no Deus dos cristãos para obter a vitória” (VEYNE, 2011, texto digital). Após Constantino reestabelecer seu domínio no Império depois de diversas vitórias, inclusive contra o Oriente, em 324, o cristianismo atingiu seu apogeu ganhando renome por toda a parte.

A partir daí, os discursos e os textos cristãos passaram a ganhar bastante notoriedade, cabe dar ênfase ao fato de que em pouco tempo o cristianismo penetrou até os documentos oficiais de Roma, se em 312 o cristianismo era aceitável, em 324 o paganismo que foi colocado como aceitável, todavia desprezível (VEYNE, 2011). Assim, entende-se que a “colaboração entre imperador e bispos contribuiu para a consolidação de diversos direitos e benefícios para a Igreja que a transformaram em uma instituição importante da política imperial a partir de então.” (DELLA TORRE, 2011, p. 14)

Posto isso, quando nos reportamos as fontes que referem-se ao cristianismo e/ou escritos religiosos e sua perpetuação, se faz necessário compreender a dimensão e o significado que tais documentos carregam em si, logo, para algumas



peças trata-se de documentos sagrados/fonte de fé, dentre outras nomenclaturas que estejam ligadas ao teor religioso. Ao olhar historiográfico tais documentos são classificados como fontes.

Neste modo,

Podem ser porosas as classificações das escrituras religiosas. Essa diferenciação pode variar de acordo com a tradição à qual o pesquisador ou estudante se dirige, e pode ser objeto de discussão dentro de cada tradição ou comunidade religiosa; assim como sua definição e redefinição está sujeita às transformações históricas, sociais e epistêmicas. (PRATES; PIMENTEL, 2015, p. 22)

No Novo Testamento encontramos os livros que foram aceitos pelo cristianismo e a Igreja, os livros que compõem o Novo Testamento passaram a ser traduzidos e organizados desde o século II e sua conclusão deu-se apenas no século IV, quando a Igreja Católica optou por canonizar os 27 livros que compõem o Novo Testamento, dentre eles, os evangelhos.

As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo. Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo (cfr. Jo. 20,31; 2 Tim. 3,16; 2 Ped. 1, 19-21; 3, 15-16), têm Deus por autor, e como tais foram confiados à própria Igreja. Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria. (DEI VERBUM, 1969, cap. III, 11)

Para a igreja católica Romana, tanto os livros canônicos como as leis canônicas são considerados inspirações de Deus, logo, segundo eles, o seu Fundador teria sido o próprio Jesus, esse também teria instruído a escolha dos livros que, atualmente, compõem a Bíblia principalmente o Novo Testamento. “Teve a Igreja Católica, no decurso dos séculos, o costume de as reformar e renovar para que, conservando sempre a fidelidade ao seu divino Fundador, correspondessem adequadamente à missão salvífica que lhe foi confiada” (Código de Direito Canônico, 1983, p. 07). Cabe reafirmar que, essa aproximação do Deus cristão com seu povo pode ter sido um dos pontos que culminaram na aceitação do cristianismo dentro da comunidade romana imperial, esses eram povos politeístas, logo o cristianismo nascente apregoava a hierofania, isto é a possibilidade de comunhão entre o homem e o divino.

Existe uma série de fatores para além da inspiração divina (primeiro quesito) que facultaram na canonização dos textos “sagrados”. (PRATES; PIMENTEL, apud VASCONCELLOS, 2012, p. 150)

Qualquer que seja sua origem, eles são vistos e tratados como sagrados, isto é, poderosos e invioláveis, e devem ser tratados com respeito. 3. Eles são vistos e consultados como normativos, portadores de autoridade para uma autoridade em vários aspectos de sua vida religiosa: o culto, a doutrina, o comportamento. 4. Os textos, sejam eles em forma escrita ou oral, são vistos como fechados e fixos, não devendo sofrer acréscimo ou subtração. Em outras palavras, eles são tratados como um cânon. 5. Quando o texto assume a forma de um livro, é visto como completo. Ele contém tudo de importante, e pode ser aplicado a todos os aspectos da vida. 6. Os textos são usados por membros da comunidade em contextos religiosos e rituais. 7. As escrituras testemunham sobre aquilo que é fundamental.

É notável essa preocupação em manter o texto “inalterado”, encontra-se fragmentos desta tentativa de manter o texto genuíno no próprio livro canônico Apocalipse de João. Em que discorre:

Eu declaro a todos aqueles que ouvirem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes ajuntar alguma coisa, Deus ajuntará sobre ele as pragas descritas neste livro; e, se alguém dele tirar qualquer coisa, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa.” (BÍBLIA, Apocalipse, 22:18-19)

Assim, o texto adquire uma espécie de dogmatismo. “O historiador não pode, portanto, nutrir a ideia preconcebida contra qualquer espécie de fonte, antes que a mesma passe pelo crivo da mais rigorosa crítica científica” (GIORDANI, 2002, p. 308). Todavia, sendo esses produtos que acompanham a humanidade por muito tempo, podem e devem ser analisados.

Com o perpassar do tempo foram sendo descobertos outros livros que retratavam sobre a passagem de Jesus de Nazaré na terra, entretanto não foram incluídos e/ou escolhidos para compor a Bíblia. Os livros extracanônicos semelhantes aos livros canônicos são textos que exprimem informações sobre a vida de Jesus. Para o campo da história parte destes achados são vistos como fonte e possuem valor histórico, em que através da sua análise pode-se entender o porquê que não foram aceitos, uma vez que, estes não estavam de acordo com o que foi estipulado como aceitável de acordo com o Credo Niceno<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Se trata de uma declaração de fé que teve origem no primeiro concílio de Nicéia e passou a ser aceito pela Igreja católica e também em outras denominações.

Irineu de Lyon<sup>2</sup> no livro III *Exposición de La Doctrina Cristiana* da obra *Adversus haereses* discorre que:

Os Evangelhos não podem ser menos nem mais que quatro; porque existem quatro regiões do mundo em que vivemos e quatro os principais ventos da terra, e a Igreja se espalhou por toda a terra; e a coluna e o fundamento da Igreja (1 Tim 3,15) são o Evangelho e o Espírito da vida; É por isso que quatro são as colunas nas quais o incorruptível é fundado e dá vida aos homens. Porque, como o artista de todas as coisas é a Palavra, que se senta nos querubins (Sl 80 [79], 2) e contém em si todas as coisas (Sab 1,7), ele nos deu um Evangelho em quatro maneiras, uma de um Espírito. Como [886] disse Davi, implorando para que ele viesse: "Mostre-se que você se senta nos querubins" (Sl 80 [79], 2). Os querubins, de fato, se manifestaram sob quatro aspectos que são imagens da atividade do Filho de Deus (Ap 4,7).<sup>3</sup> (IRINEU DE LYON, arquivo digital, p. 262)

Percebe-se uma certa paixão na escrita do bispo Irineu de Lyon ao discorrer sobre o porquê da escolha dos livros para compor os evangelhos tenham sido apenas quatro, uma vez que, existe uma variedade de evangelhos que relatam a respeito da vida de Jesus de Nazaré. Assim, cabe salientar outro aspecto importante, o fato de que as fontes, geralmente, eram escritas por pessoas do sexo masculino, letradas e de alta sociedade.

À vista disto, é preciso analisar as estratégias discursivas presentes nas narrativas. Posto que, em consonância com as narrativas bíblicas, o Nazareno estava comumente rodeado por pessoas iletradas, pobres e desvalidos. Embora parte dos que foram escolhidos para ser seus apóstolos fossem homens da alta cúpula da sociedade na época. As sociedades antigas, possuíam um vasto apreço pela oralidade, mesmo aqueles que possuíam o domínio da escrita não confiavam

---

<sup>2</sup> Irineu de Lyon (ca. 130 – 202) foi um bispo grego, teólogo e escritor que possivelmente nasceu, na província romana da Ásia Menor Proconsular – a parte mais ocidental da atual Turquia – provavelmente Esmirna. Ficou conhecido por suas obras calorosas sendo a de maior renome *Adversus Haereses* (contra os hereges) em que faz grandes críticas ao gnosticismo.

<sup>3</sup> Tradução de: "Los Evangelios no pueden ser ni menos ni más de cuatro; porque son cuatro las regiones del mundo en que habitamos, y cuatro los principales vientos de la tierra, y la Iglesia ha sido diseminada sobre toda la tierra; y columna y fundamento de la Iglesia (1 Tim 3,15) son el Evangelio y el Espíritu de vida; por ello cuatro son las columnas en las cuales se funda lo incorruptible y dan vida a los hombres. Porque, como el artista de todas las cosas es el Verbo, que se sienta sobre los querubines (Sal 80[79],2) y contiene en sí todas las cosas (Sab 1,7), nos ha dado a nosotros un Evangelio en cuatro formas, compenetrado de un solo Espíritu. Como [886] disse David, rogándole que venga: "Muéstrate tú, que te sientas sobre los querubines" (Sal 80[79],2). Los querubines, em efecto, se han manifestado bajo cuatro aspectos que son imágenes de la actividad del Hijo de Dios (Ap 4,7)."

suficientemente no que estavam produzindo apegando-se a oralidade. “De início, tudo era lembrado e contado em aramaico, apenas oralmente, pelos primeiros seguidores analfabetos de Jesus. Contudo não foram eles que escreveram os Evangelhos” (CHEVITARESE, FUNARI, 2016, p.12).

A escrita dos Evangelhos só ocorreu através de falantes gregos, que por meio da análise dos discursos desenvolveram os referidos textos. Esses falantes gregos não chegaram a conhecer Jesus Nazareno. Uma vez que, os evangelhos trabalham a vida de Jesus. É interessante ponderar que Jesus falava em aramaico, entretanto, como mencionado acima, os textos sobre sua vida são textos de recordações traduzidos para o grego e que foi a partir destas escritas que o discurso cristão passou a expandir-se para além das paredes da palestina, seu local de origem (CHEVITARESE, FUNARI, 2016).

No artigo *“Lugares de apócrifos no cristianismo dos primeiros séculos, e além dele”* o autor Pedro Lima Vasconcellos vai discorrer que: “O conhecimento de outros escritos depreciativamente denominados “apócrifos” apresenta para o entendimento das dinâmicas internas ao cristianismo nascente, e da relação deste, em suas variadas expressões, com o universo sociocultural circundante” (VASCONCELLOS, 2016, p. 83). Apesar da carta de Páscoa de Atanásio, bispo de Alexandria escrita em 367, que determinava quais livros eram reconhecidos como canonizados e que os demais livros, isto é, os extracanonicos deveriam sair de circulação, no entanto, isso não veio a acontecer só tendo uma diminuição na procura.

A igreja católica romana ocidental, além de ser comandada pelos bispos, que representavam a santidade também buscou fazer grandes negociações junto ao império o que consolidou ainda mais o seu poder e sua independência. “A igreja do ocidente consegue adquirir sua autonomia e até mesmo se constituir como instituição dominante” (BASCHET, 2016, p.81). Portanto, com a grande notabilidade que o cristianismo alcançou, conseqüentemente, o número de escritos a respeito da religião nascente também cresceu. Com isso, houve uma preocupação por parte dos líderes da Igreja Católica em determinar quais textos possuíam, de fato, cunho cristão e quais deveriam ser amortecidos. Todavia, os textos que foram considerados inadequados para estarem na Bíblia, também trazem detalhes coerentes a respeito da trajetória do nazareno.

### 3 O Evangelho de João e a deificação de Jesus.

O conhecimento que circunda a trajetória de Jesus de Nazaré, os mistérios de sua vida e os seus feitos se fazem de extrema importância para a construção da nossa pesquisa. Em vista disso, tomaremos como itinerário o *Evangelho segundo João* para uma maior compreensão da maneira de como a deificação de Jesus, o nazareno, é apresentada no referente livro canônico.

Os escritos destinados ao evangelista João, que compõem o quarto evangelho bíblico, trazem em sua conjuntura diversas passagens sobre Jesus de Nazaré que ao longo do tempo foram, e ainda são, interpretadas por parte da comunidade cristã como fonte convincente de que o Jesus nazareno seja um ser divino. Logo no início da narrativa, o leitor já é levado a um exercício de contemplação da figura de Jesus como parte de uma corrente salvífica. “No princípio era o Verbo, e o verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (BÍBLIA, Evangelho de João 1:1). – Em outras traduções o termo Verbo aparece como *lógos* – De acordo com Heráclito o *Logos* é “A lei que rege todas as coisas e que comporta em si mesma uma inteligência universal” (VEIGA, 2014, p. 4). Assim, como Heráclito, diversos outros teóricos exemplificam o que é necessário para tornar-se portador do *Logos*, divino.

Para transferir e mostrar Jesus como portador do *lógos* e detentor de todo o conhecimento universal, Jesus passaria de portador e se tornaria o próprio *lógos*, o Filho do Homem. Isso se dá pelo fato de que ao longo do tempo diversas outras figuras importantes foram apresentadas como portadoras do *lógos*, como por exemplo Enoque, o que conseqüentemente poderia torna-lo, como também, Filho do Homem. Todavia, ao determinar que Jesus seria o verbo encarnado, isto é, o próprio *Logos*, a narrativa bíblica o diferenciava das demais figuras. (VEIGA, 2014)

A correlação entre Jesus e o *Logos* fica patente no quarto evangelho estando o *Logos* em união com Deus, Dele fazendo parte; Jesus, então estaria em união com Deus como sendo parte de Deus; Dele projetando-se sobre a humanidade no fenômeno da encarnação divina, assim como o Filho do Homem é uma projeção personificada da sabedoria de Deus. (VEIGA, 2014, p. 10)

No seu artigo “No princípio era o *logos*... A encarnação divina no evangelho de João na perspectiva da filosofia grega” Veiga apresenta a transcendência de Jesus dentro da comunidade joanina, no que tange ao ser divino, em consonância com a perspectiva filosófica grega, aponta que: “O *logos* seria aquele que teria a

capacidade de explicar a continuidade no meio de todo o fluxo que é visível no universo” (VEIGA, 2014, p. 5).

Um ponto característico nos escritos de Veiga, é a comparação, como já foi pontuado, de pensar a encarnação divina na perspectiva da filosofia grega, ao fazer essa comparação parte das parábolas de Enoque em que apresenta outras figuras portadoras do *lógos*. Isto é, o *logos* não seria uma característica exclusiva do Nazareno, como também os outros fatores que, na antiguidade, eram apontados como vitais para a construção da divindade. Para o estóico Sêneca, era merecedor do *lógos* aquele que possuísse a capacidade de manter a ordem. “Um bom governante; era a incorporação da Razão Divina ou Logos” (VEIGA, apud. Sêneca, Tratado sobre a clemência 1.1325-26).

Partindo desse pressuposto, em um segundo intitulado “Jesus: uma análise do seu processo de divinização pela comunidade joanina no final do século I, dentro do contexto da sociedade imperial romana” Veiga trabalha mais a fundo a transferência da imagem de Jesus como Deus com a finalidade de relacionar historiadores que refletem sobre a importância do *lógos* para a composição de uma imagem sobre Jesus e quais os critérios necessários para ser detentor do mesmo.

Em síntese, pressupõe-se que o processo de deificação de Jesus, em vista da narrativa do evangelista João, pode ser entendido por partes. *A priori* a função do Nazareno seria que durante sua vida na terra, esse deveria viver em prol da sociedade, com a finalidade de fazer o bem e de os ensinar sobre a vontade do Deus Criador, isto é, o que era agradável aos olhos do Deus cristão, todavia, a perpetração da sua divinização só aconteceria após sua morte. “Havendo Jesus tomado vinagre, disse: “tudo está consumado”. Inclinou a cabeça e entregou o seu espírito” (BÍBLIA, Evangelho de João, 19: 30). Cabe acentuar também o fato do *Evangelho de João* ser o único canônico que não narra todo o processo do nascimento de Jesus, o que o torna um evangelho atípico, “tudo isso coloca em evidência uma forte personalidade literária, uma figura apostólica de prestígio e ainda por cima um teólogo poderoso habituado a longas discussões sacerdotais” (PETITFILS, 2015, p. 382).

Ciro Flamarion dispõe, que a interpretação por parte de quem estuda este período deve ser minuciosa, já que, a religião estava presente em quase todos os aspectos da sociedade. “Governo e culto, astronomia e astrologia, lei divina e lei humana. Não eram vistos como coisas distintas ou separáveis entre si” (CARDOSO,

1994, p. 57). Em vista disso, é preciso que lancemos um olhar diferenciado sobre este processo, já que os conceitos religiosos da época eram totalmente diferentes do que se tem na atualidade. “Toda nossa concepção do que é “espiritual”, toda a nossa concepção de civilização poderia não ter o menor sentido no mundo em que Jesus viveu” (NIETZSCHE, 2012, p. 57).

Em consonância com André Chevitarese e Pedro Funari, percebe-se que o Evangelho de João além de ter sido escrito posterior aos outros, especificamente – entre 90 e 110 d.C. – também possui uma linguagem diferente dos demais, nas suas palavras “O Evangelho de João segue caminhos próprios” (CHEVITARESE; FUNARI, 2016, p. 9). Em vista disso, não descartamos que podem ter havido intenções por traz da escrita do citado Evangelho, logo, como os demais evangelhos foram escritos em uma época com o intuito de alcançar determinados grupos.

Neste interim, buscaremos, ao longo desta seção, perceber como a comunidade joanina entende o processo de deificação de Jesus Nazaré e o constitui como um ser divino. Diferentemente das narrativas dos outros evangelistas, a diegese<sup>4</sup> atribuído a João há uma maior referência ao Jesus da fé como um ser divino. Desta maneira, buscaremos, por meio deste Evangelho, analisar essa “tentativa” de glorificar o Jesus de Nazaré (BÍBLIA, João 12:31). Tornando-o detentor da faculdade de julgar e controlar situações como a morte e o mundo, o que só poderia ser feito sobrenaturalmente, isto é, por alguém que estivesse acima deste mundo, logo – um ser divino. Assim, o processo de deificação de Jesus, no *Evangelho de João*, não só dialoga com a literatura clássica no que diz respeito à constituição do homem-divino, mas também almeja particularizar, Jesus, dos demais. Deste modo, é através da análise do discurso que poderemos compreender a aceitação e, principalmente, o intuito dos escritos que dizem respeito a Jesus como um ser divino.

Isso se dá pelo fato de que os evangelhos narram histórias sobre a vida de um homem chamado Jesus, que no âmbito do discurso, apresenta-se como o Filho de Deus, e Salvador da humanidade; atuando como uma espécie de orientação em que composto por palavras demasiadamente instrutivas, determinam de que maneira a humanidade deve se comportar, isto é, influi como um protótipo moral.

---

<sup>4</sup> Diegese é um conceito usado na narratologia, para conjecturar a dimensão ficcional de uma narrativa, seja ela atribuída a estudos literários, dramaturgicos ou de cinema.

A partir disso, analisa-se no *Evangelho de João* que Jesus ao se apresentar para o povo sempre fazia uso de uma linguagem futurista. “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida” (BÍBLIA, Evangelho de João, 8:12). Neste contexto, a narrativa tem como função levar o fiel a imaginar-se pertencente de um mundo “intocável”, porém lugar de repouso da alma. Oferecendo-lhes a possibilidade de alcançar a “Boa nova”, ou seja a salvação, por meio de Jesus, o nazareno. “Com efeito, de tal forma Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna” (BÍBLIA, Evangelho de João, 3:16). Além disso, consideramos que a construção divina do Nazareno ocorreu por meio de seus seguidores e/ou dos que escreveram sobre Jesus, como por exemplo as cartas de Paulo de Tarso que perpassaram seus destinatários alcançando um vasto número de leitores e que estão presentes até a atualidade entre os livros bíblicos.

Essa não atribuição por parte do próprio Jesus como ser divino, desencadeou ao longo do tempo calorosos debates sobre a sua posição no reino do céus e divindade.

Um dos debates eclesialísticos que maiores conseqüências trouxe para a conformação da ortodoxia e da disciplina eclesialística nos séculos seguintes, a controvérsia ariana surgiu, assim como a controvérsia donatista, como uma disputa entre clérigos motivada por questões disciplinares e de hierarquia eclesialística, mas que logo tomou proporções que tornaram praticamente inevitável que as autoridades romanas não as ignorassem e não interviessem. (DALLE TORRE, 2011, p. 361)

Como já fora exposto na seção anterior a Igreja passou, a partir de Constantino, a ganhar bastante respaldo dentro do Império Romano. Todavia, havia muitas divergências entre os bispos quanto à natureza divina de Jesus, o que acarretou em diversos concílios.

Por exemplo, o bispo palestino Eusébio, que acreditava que Jesus não poderia ser igual a Deus, uma vez que, seria resultado da criação do Pai. “Verbo (*Logos*) e à Sabedoria (*Sophia*) divinos, o Filho teria sido o instrumento do Pai na história da Salvação, sendo mesmo Ele o responsável pela Criação e pela redenção dos homens através de Sua Encarnação” (DALLE TORRE, 2011, p. 362).

. A partir disto, é interessante pontuar que durante todo o Evangelho de João Jesus não afirma ser o Cristo, todavia, declara ser o Filho do Homem. “Crês no Filho do Homem?”. Respondeu ele; “Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?”.



Disse-lhes Jesus: “Tu o vês, é o mesmo que fala contigo” (BÍBLIA, Evangelho de João, 11:35-37). Assim, apesar de entender Jesus como uma divindade, acreditavam que sendo ele parte da criação, não poderia igualar-se a Deus. Todavia, perspectivas como essa foram rejeitadas, colocando o Filho como um verdadeiro intermediário entre Deus e o homem no concílio de Nicéia no ano 325 quando foi promulgado que Jesus seria igual e/ou um só com Deus.

Os estudos históricos voltados a história das religiões – como é o caso da presente pesquisa – também vem se destacando na busca por entender como e de onde partiu a concepção de Jesus de Nazaré enquanto ser divino, no entanto diferente da teologia o que se busca no campo historiográfico é perceber a produção discursiva e a cultura material que contribui para compreender Jesus. Neste sentido, passou-se a questionar a aplicabilidade de termos determinantes presentes nos discursos endereçados a comunidade cristã, uma vez que, “perpetua a concepção de que as demais são experiências religiosas menores e por isto mesmo perderam a disputa no decorrer dos debates para o processo de construção da “legítima” leitura” (BARROSO; CAVALCANTI, 2015, p. 94). Diante disto, é preciso perceber o intuito por trás da escrita, levando em consideração o discurso cristão e a tentativa de segregar e diminuir as demais religiões e os demais escritos.

Quando nos voltamos para as documentações, sejam elas arqueológicas e/ou escritas, produzidas no decorrer de finais do século I EC até o século IV EC, quando o Cristianismo é elevado à categoria de religião oficial do Império Romano e o Concílio de Niceia busca definir as fronteiras do Cristianismo. (BARROSO; CAVALCANTI, 2015, 94)

Daniel Brasil Justi na sua tese *A construção de Paulo de Tarso como homem divino (thēiōs anēr) em atos dos apóstolos: as culturas mediterrânicas e paleocristãs em perspectiva comparada*, apresenta diversos autores que produziram estudos no intuito de pormenorizar o termo divino na antiguidade e “estudos no sentido de empregar títulos para Jesus, torna-se seminal para ampliar o leque de possibilidades de se enxergar Jesus como, também, um homem divino” (JUSTI, 2015, p. 41). Dentre eles – a aretologia – que seria o tratado das virtudes “Dibelius” faz extensa análise dessas coleções de milagres para fundamentar sua percepção de que ao construir a história de Jesus nos evangelhos, o modelo da aretologia serviu de padrão” (JUSTI, 2015, p. 42).

Assim, a divinização de Jesus pode ser entendida por meio de uma construção narrativa, uma vez que, ao proferir discursos breves e contextuais “se

alguém me serve, meu Pai o honrará” (BÍBLIA, Evangelho de João, 12:26); Alcançava diversos povos; a narrativa em consonância com as realizações de milagres, a doçura, bondade e pureza tende a passar para o leitor que esses são fatores determinantes para a perpetuação da ideia de Jesus enquanto ser divino.

Muitas das características atribuídas a Jesus que o determinaram como divino não são características exclusivas d’Ele como já foi mencionado anteriormente. “Muitos deuses e homens eram capazes de realizar curas milagrosas na bacia mediterrânea. A atestação de tais curas cobre vasto período cronológico e regiões espaciais. A popularidade de tais feitos era tamanha que muitos registros chegaram aos dias atuais, seja por meio de documentos textuais, epigráficos ou de cultura material” (JUSTI, 2015, p. 149). Por exemplo, o rito de divinização que foi um dos principais determinantes para a elevação de Jesus como um homem-divino. Veiga discorre que:

Não podemos esquecer que com as suas conquistas, os romanos entraram em contato com as dinastias helenísticas, como os selêucidas na Síria e os ptolomeus, no Egito, onde os soberanos eram considerados seres divinos. Estas ideias foram incorporadas pelo cerimonial nos funerais dos imperadores romanos.” (VEIGA, 2013, p. 10)

Assim, a divinização no pós-vida já era uma prática recorrente na literatura clássica por meio da Apotheosis (transformação em deus) que se iniciava com o funeral do imperador, que seguia o padrão dos funerais da nobreza romana, e continuava com a declaração, por parte de uma testemunha, da sua ascensão aos céus perante os membros do senado que proclamava a sua divindade.

Nesse ensejo, nossa pesquisa se debruça a entender de que maneira o cristianismo apropriou-se e, a partir disso, buscou distanciar-se de tais perspectivas tornando Jesus como o Filho de Deus. “As relações entre os homens e os deuses variam segundo as concepções de cada cultura. [...] Dessa visão desenvolve-se um compreensão do humano e da divindade e do próprio cosmos que impregna a cultura grega” (PAVIANI, 2005, p. 06).

Desta Maneira, ao lançamos nosso olhar para o entendimento do conceito de homem-divino na antiguidade, encontramos diversos exemplos de figuras que poderiam ser consideradas divinas, isso partindo da lógica de que a pureza, o conhecimento universal e elevado fossem características primordiais para caracterizar um ser como divino. Por exemplo, os filósofos gregos que são

apresentados como possuidores de um conhecimento puro e detentores da ciência. Nietzsche supõe que:

A elevação acima de outros homens pelo exercício da lógica e da educação do pensamento, eram tão fomentados entre os budistas como características de santidade, quanto essas mesmas qualidades, são no mundo cristão, rejeitadas e excomungadas como indícios de não-santidade. (NIETZSCHE, 2006, p. 123)

Partindo deste viés, percebemos que na antiguidade o ser divino era apregoado e visto como uma conjunção vital de felicidade, isto é, buscavam no meio espiritual um meio de complementar a alegria de viver (NIETZSCHE, 2006). Diferentemente dos escritos destinados a João que apregoa a contemplação da felicidade, entretanto, de uma vida vindoura, além da terrena. “Jesus lhe respondeu: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, também certamente conhecereis meu Pai; desde agora o conheceis pois o tendes visto” (BIBLÍA, Evangelho de João 14:6-7). Neste fragmento, Jesus é percebido como parte de um plano posterior de acesso a divindade maior. Assim, ao ser concebido como o Filho, a narrativa leva o leitor a entender Jesus como a maior aproximação e como o principal ponto de ligação com Deus.

Neste viés, a deificação de Jesus de acordo com a comunidade joanina é apresentada como parte de um plano de salvação. “A fé nele sustentada a fé no divino e no milagroso, num sentido religioso de toda a existência, na iminência do juízo final” (NIETZSCHE, 2006, p. 122).

Diante disto, percebemos que em toda a sua conjuntura o leitor é levado a imaginar um Deus bondoso e Pai (protetor) que ao mandar o seu Filho, que também é parte deste plano de salvação, se doar, uma vez que, o Filho, isto é, o Logos também é Deus, em prol do seu povo. “Não é aquilo que é santo, mas sim aquilo que ele significa aos olhos dos não-santos, que lhe confere um valor na história universal” (NIETZSCHE, 2006, p. 122). Portanto, o discurso apregoado cujo tema central implicava em uma vida posterior em que só poderia ser alcançada por meio do Filho do Homem, possibilitou com que muitos dos povos constituíssem, socialmente, Jesus como um homem divino.

#### 4 O Evangelho extracanônico de Felipe e a deificação de Jesus.

Na seção anterior analisamos o processo de deificação de Jesus no *Evangelho de João* e fizemos a comparação do referido processo com as práticas dos antigos. Doravante, analisaremos o aporte dos extracanônicos no processo de deificação de Jesus e sua contribuição na constituição das perspectivas das culturas, dentre elas o gnosticismo<sup>5</sup> a qual analisaremos mais profundamente no decorrer desta seção, percebendo, assim, a importância da gnose na constituição da ideia de conhecimento e sua importância no que interessa a história das religiões. Em suma, no âmbito histórico, esses escritos nos permitem conhecer e nos aprofundar nessa literatura que foi ignorada pela Igreja Católica, possibilitando que possamos expandir o conhecimento sobre o Nazareno.

O *Evangelho segundo Felipe* – nosso objeto de estudo nesta seção – é um dos manuscritos da Biblioteca de Nag Hammadi, descoberta em 1945 no sul do Egito, na região de Chenoboskion. Esse documento é datado aproximadamente do séc. II d.C., (SOBRAL, 2011). Isso pelo fato de que existem diversas interpretações a respeito da sua datação, a conclusão de que o documento pode ser datado do referido século, é o fato de que existe uma considerável quantidade de alusões ao NT ao longo do texto.

O *Evangelho de Felipe* é um documento pseudônimo. Ou seja, não foi propriamente Felipe quem fez os registros contidos no documento, esses são atribuídos a uma pessoa importante, a fim de que o texto, a partir do nome ganhe um maior alcance, como não se sabe o real motivo pelo qual o texto ganhou esse nome, restam-nos as indagações que são apresentadas ao logo das análises (SOBRAL,2011). Cabe ponderar também que O *Evangelho de Felipe* faz parte do evangelhos que são considerados textos gnósticos. Esses, ficaram conhecidos principalmente pela sua extrema diferenciação dos evangelhos presentes na Bíblia, uma vez que, anuem que a principal fonte de salvação seja o conhecimento. “Para eles, a gnose situa-se no coração da doutrina secreta do mestre Jesus, o “Vivo” fora do tempo, que veio despertar e lembrar-lhes que são centelhas oriundas da esfera divina” (PETITFILS, 2015, p. 354).

---

<sup>5</sup> A gnose (a palavra que vem do grego gnôsis, “conhecimento”) é uma vasta corrente filosófica e religiosa com tendência hermética, que se situa no cruzamento da religião e dos mistérios, do pensamento iraniano, do helenismo, do judaísmo e do cristianismo.” (PETITFILS, 2015, p. 353.)

Segundo Etienne Gilson (1995) é quase que impossível caracterizar as raízes gnósticas dado as perdas dos textos originais. Conquanto, descreve as características mais visíveis da corrente gnóstica, a *priori* pela significância que o nome gnose carrega. Neste sentido, o gnosticismo representa a busca pela revelação da verdadeira salvação, tendo como preceito recuperar a mensagem cristã sem perpetuar as narrativas simplória. Em outros termos, o que tange a universalização da mensagem de salvação por meio de Jesus e o que é pregado pelo cristianismo não lhes são primordial “o motivo que invocam para apoiar sua doutrina não é distante do alcance filosófico. Tratava-se, para eles, de resolver o problema do mal. Se o mal está na criação, a origem deve se encontrar no ato criador” (GILSON, 1995, p. 32). Neste excerto, o autor trata da ideia de bondade que se tem a respeito do Criador, isto é, se o mal está na criação, Deus não poderia ser o criador uma vez que Ele é infinitamente bom e incapaz de fazê-lo.

Assim, a inexistência de um demiurgo<sup>6</sup> na literatura cristã vigente no que refere a criação e a infinita bondade do Criador pode ter sido um dos motivos para que os gnósticos acreditassem que só é possível resgatar a verdadeira mensagem cristã por meio da condensação e compreensão do conhecimento. “Há um só Deus e não um Deus e um demiurgo” (GILSON, 1995, 34). É importante ressaltar que o gnosticismo não aparece na tentativa de desmitificar a existência de Deus e seu poder de criação, todavia, o gnosticismo sustenta a ideia de que o criador do mundo material seja o demiurgo e não o Deus que tem o poder de proporcionar o conhecimento verdadeiro. Portanto, seus questionamentos se fundavam em elevar o conhecimento do homem a ponto de que através desse conhecimento verdadeiro que provém de Deus, uma vez que o homem por si só não é capaz de alcançar esse conhecimento, no entanto, existe no homem a capacidade de contemplar esse conhecimento se desprendendo da ignorância, conseqüentemente - a salvação.

Evidentemente, cada narrativa apresentará uma orientação própria. Logo trata-se de uma descrição a respeito da vida de um homem que viveu há mais de dois mil anos. Pretende-se então, sob o viés exclusivamente histórico, captar fragmentos que possam nos revelar sobre os feitos de Jesus que o consagraram como um ser divino na fonte já exposta. “O historiador não poderia tomar partido

---

<sup>6</sup> (í-úr), s. m. Designação que os filósofos platônicos davam ao criador do homem. (Dicionário da língua portuguesa. 1981. p. 369)

sobre os milagres ou a ressurreição de Cristo [...] sem se afastar de sua disciplina, mas tem o direito de interrogar-se sobre o sentido profundo de um fato, a intenção de um acontecimento ou de um discurso” (PETITFILS, 2015, p. 18).

À vista disso, e respaldados pelas pesquisas históricas que vem ampliando-se ao longo dos anos, buscaremos esboçar e delimitar caminhos que possibilitem retratar a deificação de Jesus também no *Evangelho extracanônico segundo Felipe*.

Os escritos atribuídos a Felipe, também apóstolo de Jesus, estão organizados em um único texto separado por versículos, que contabilizam-se ao todo 127 (cento e vinte e sete). A diegese não apresenta um texto linear, como é visto nos evangelhos canônicos, isto é, uma descrição do nascimento, batismo, milagres dentre outros ritos que integram as narrativas de Mateus, Marcos, Lucas e João. Em Felipe, Jesus não é apenas apresentado como um homem adulto, também, desde os primeiros versículos, já é revelado como Cristo “A partir da vinda de Cristo, o mundo é criado, as cidades tornam-se belas e desaparece tudo o que havia fenecido” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe, p. 608. v, 5).

Percebe-se, inclusive, uma ligação direta entre o Cristo e o termo *lógos* “Sua carne é o Logos [verbo] e seu sangue é o Espírito Santo” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 609. v, 23). Seria então o que o autor Daniel Veiga aponta como “O princípio eterno da ordem no universo que faz do mundo um cosmos” (VEIGA, 2014, p. 5) e “aquele que teria a capacidade de explicar a continuidade no meio de todo o fluxo que é visível no universo” (VEIGA, 2014, p. 5).

Todavia, a concepção de *lógos* aqui analisada parte do pressuposto de que a carne é tão importante para alcançar a salvação quanto o Espírito Santo “O Logos é esse outro que também está dentro da carne, pois – qualquer das coisas a que te refiras – nada poderás aduzir que se encontre fora do interior da carne.” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 609 v, 23). Notoriamente, compreende-se que – diferente do que foi apontado por muito tempo – os textos extracanônicos podem nos revelar como cada época, autor e local produzem um Jesus a imagem e semelhança de suas premências.

Como reação disso, em Felipe, são apresentadas interpretações e questionamentos a respeito de Jesus e da doutrina “Eu recrimino os outros que afirmam que a carne não vai ressuscitar, pois uns e outros estão errados. Tu dizes que a carne não vai ressuscitará. Diz-me então o que é que vai ressuscitar, para que possamos aplaudir-te” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 609. v, 23). O

texto gnóstico tem como função exteriorizar que é necessário desvendar, através do conhecimento, os mistérios envoltos a figura de Jesus, em razão de o conhecimento absoluto ser o responsável pela salvação resgatando, desta maneira, os ensinamentos do Cristo.

Em suma no *Evangelho de Felipe*, o processo de deificação de Jesus pode ser compreendido como parte de um plano salvífico. Isto é, o Nazareno estaria pré-determinado para ser uma oferta viva “Cristo encerra tudo em si mesmo – seja “homem”, seja “anjo”, seja “mistério” -, incluindo o Pai” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 609. v. 20); Neste extrato, podemos identificar que é destinado ao nazareno dois procederes. Primeiro: a incumbência de Jesus, isto é, o cumprimento da palavra. Segundo: a divulgação do nome ‘Cristo’ como possuidor de um fim em si e também como um nome público, inclusive, de acordo com a fonte o nome Jesus trata-se de um prenome secreto que lhe foi atribuído, o que nos possibilitou pensar a divinização de Jesus como uma construção do discurso relativo a sua figura.

Pois não são as palavras brutas, mas, sim, o objetivo do escritor que dá a verdadeira luz pela qual um escrito deve ser interpretado; aqueles que insistem em analisar textos isolados, desconsiderando o principal objetivo, não podem tirar ilações claras, mas, antes, atirar partículas das Escrituras, como se fossem poeira, nos olhos dos homens. (HOBBS, *Leviatã*, p. 476)

É por meio da análise desses fragmentos que poderemos mapear o processo de deificação de Jesus no presente evangelho. Assim, a escrita da história atua como uma espécie de mediadora entre um fato e a forma como pode ser visto e interpretado. Além do mais, elucidar o sentido que o texto foi redigido para ser interpretado; uma vez que, os discursos sobre Jesus tendem a atuar, majoritariamente, num campo de disputas religiosas.

## 5 Análise comparativa dos processos de deificação

Como já exposto, a História Comparada oferece ao historiador vagar por um espaço/tempo com maior precisão, podendo encontrar defluência em ambos espaços e resquícios condizentes com suas origens. Neste aspecto, de acordo com o pensamento de José Barros D` Assunção (2014. p. 15) a História Comparada demarca, essencialmente, dois ou mais âmbitos de investigação, fazendo a análise das fontes sistematicamente, isto é, há uma especificidade na escolha das fontes sempre determinando o que se compara e como se compara. É dentro desta ótica comparativa, que ao longo desta seção, faremos uso deste método para buscar compreender as características que mais aproximam e divergem entre o *Evangelho de João e o extracanonico de Felipe*.

Partindo desses pressupostos, compreender o processo de deificação de Jesus presente nos dois evangelhos e suas influências na sociedade é a gênese da discussão. Assim faz-se necessário compreender todas as peculiaridades apresentadas em ambos evangelhos para um maior êxito do entendimento do processo da construção da apoteose de Jesus Nazareno, bem como suas influências e discursos.

Ao analisar as fonte percebemos que ambos vão tratar Jesus como o filho de Deus, sendo esse portador de poderes e que o nazareno veio ao mundo para salvar a humanidade. Respectivamente, “A graça e a Verdade vieram por Jesus Cristo” (BÍBLIA, Evangelho de João, 1:17). “Cristo veio ao mundo para resgatar alguns, para salvar outros e redimir outros” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe, p. 607. v, 9). É neste sentido que a história comparada contribui para a escrita da história, uma vez que, nos possibilita perceber os fenômenos nas individualidades, apresentando cada ponto característico de uma escrita como fundamental para o entendimento de um todo e principalmente para fugir do anacronismo, já que, se analisa individualmente, embora partindo de pontos semelhantes.

Em virtude disso, procuramos entender de que maneira, quando e como Jesus é apresentado ao longo dos evangelhos, percebemos que em João todo o processo de divinização de Jesus é narrado em vida, seus feitos, milagres viagens dentre outros. Enquanto O texto atribuído a Felipe já apresenta uma linguagem pós ressurreição, quando Jesus já teria tido passado por todo o processo glorificador



“Ele segregou os seus, penhorando-os segundo sua vontade” (Apócrifos da Bíblia. Evangelho segundo Felipe, p. 607. v, 9).

Neste aspecto a figura de Jesus como ser divino já é exposta desde o início nos dois evangelhos, todavia, merece destaque o momento subsequente tratado em (João 2:4) que o próprio Jesus afirma, em uma festa de casamento em Canaã, que sua hora ainda não chegou, isto é, apesar do texto o apresentar como o Verbo encarnado (João 1:1) a narrativa subsequente abre para a interpretação de que o processo de divinização de Jesus foi gradual neste Evangelho, isto é, foi necessário que o mesmo viesse a passar por experiências ao longo de sua vida para que sua divinização fosse concretizada.

Segundo os escritos destinados a figura de Felipe, a manifestação de Jesus não aconteceu de forma absoluta, o texto revela um Jesus cuidadoso que procurou se manter de acordo com as condições de cada um. “Assim é que apareceu [o..] grande aos grandes, pequeno aos pequenos, como anjo aos anjos e como homem aos homens. Por isso seu Logos se manteve oculto de todos” (Apócrifos da Bíblia. Evangelho segundo Felipe. p. 610, v. 26).

Esse é um dos pontos que mais aproximam as duas fontes trabalhadas, visto que, em João também é repassada a figura de um Jesus solícito, que apareceu em meio aos mais humildes, os quais também não o reconheceram. “[o Verbo] era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu” (Bíblia. Evangelho de João, 1:9) [...] “Muitos dos povos, porém creram nele e perguntavam: “quando vier o Cristo, fará mais milagres que este faz?” (Bíblia. Evangelho de João, 7:31). Todavia, é perceptível em vários momentos no Evangelho canônico que o próprio Jesus se coloca<sup>7</sup> deliberadamente como o Filho de Deus que foi enviado para redimir a humanidade.

Todo o processo de mediação se dar, segundo a Bíblia, pela união entre o Filho que se torna um com o Pai. Além disso, a natureza humana é divinizada pelo Espírito Santo na ressurreição, assim como a concepção de Jesus por meio do Espírito. Já em Felipe, é apontado como um equívoco que Jesus tenha sido

---

<sup>7</sup> (João 4:10, 4:26, 4:34, 5:17, 5:23-24, 5:36-37, 6:27, 6:32-35, 6:38, 6:40, 6:43-44, 6:51, 6:53, 6:57, 7:16, 7:33-34, 8:12, 8:14, 8:18-19, 8:23-26, 8:38, 8:42, 8:58, 9:5, 9:35-37, 10:7, 10:9, 10:14-15, 10:17, 10:25, 10:29-30, 10:36-38, 11:25-27, 11:41-42, 12:23, 12:26-27, 12:32, 12:44, 12:49, 13:12, 13:19-20, 13:31, 14:6-7, 14:11, 14:18-20, 14:26, 14:28, 15:9-10, 15:26, 16:14, 16:25, 17:1, 17:10, 17:18-19, 17:25, 18:36)

concebido por meio do Espírito Santo, em razão de que, o Espírito sendo uma potência seria também uma mulher, e uma mulher não pode conceber junto a outra. “Alguns dizem que Maria concebeu por obra do Espírito Santo. Fases se equivocam, não sabem o que dizem. [...] Maria é a virgem a quem potência alguma jamais contaminou” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho segundo Felipe. p. 609, v. 17). A necessidade de Cristo ter nascido de uma virgem teria, segundo Felipe, se dar pelo fato de que o pecado do princípio fosse reparado “Adão deve sua origem a duas virgens, isto é, ao Espírito Santo e à terra virgem. Por isso Cristo nasceu de uma Virgem. Para reparar” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 617. v. 83).

A partir do capítulo 12 doze, no evangelho canônico, João já passa a dar indícios de como aconteceria a consubstanciação da deificação de Jesus. Isso ocorre quando o próprio Jesus começa falar ao povo sobre o envio do Espírito Santo como amparo e para ser o sinal de que o seu processo de santificação teria sido concretizado. “Não vos deixarei órfãos. Voltarei a vós. Ainda um pouco de tempo e o mundo já não me verá. Vós, porém, me tornareis a ver, porque eu vivo e vós vivereis. Naquele dia, conhecereis que estou em meu pai” (Bíblia. Evangelho de João. 14:18-20). Felipe também faz referência ao papel que o Espírito Santo tinha de resguardar os homens, porém, revela que o Espírito já agia antes mesmo da vinda de Cristo. “Os Archontes<sup>8</sup> acreditavam que por sua vontade faziam o que faziam; mas era o Espírito Santo que operava ocultamente em tudo, através deles” (Apócrifos da Bíblia. Evangelho de Felipe. p. 609. v. 16).

A narrativa revela que Jesus já tinha conhecimento do que iria ter que acontecer, como demonstrado no parágrafo anterior, para que a sua deificação fosse concretizada, logo, o plano de salvação do Pai. Entretanto, embora a narrativa bíblica demonstre que desde muito cedo Jesus tinha conhecimento do motivo para qual teria vindo ao mundo se inquietou com a ideia de suportar, integralmente, o sofrimento da crucificação “Agora a minha alma está perturbada. Mas que direi? ... Pai, salva-me desta hora... Mas é exatamente para isso que vim a esta hora” (Bíblia. Evangelho de João. 12:27). O processo da crucificação descrita por João abre margem para o próximo passo que é a análise de como os dois seguidores de Jesus aqui analisados perceberam a sua ressurreição, logo, sua divinização.

---

<sup>8</sup> Archontes eram o magistrado que governavam em cidades.

Compreendemos, logo de início, que há uma diferenciação entre o modo que, em Felipe, a trajetória de Jesus é referida, desde quando foi concebido. Assim, também, ocorre com a sua ressurreição. A ressurreição, de um modo geral, é vista no referido texto como algo que deve ser conquistado ainda em vida “Os que dizem que o Senhor primeiro morreu e depois ressuscitou, enganam-se, pois primeiro ressuscitou e depois morreu” (Apócrifos da Bíblia, Evangelho de Felipe. p. 609. v. 20). A Ressurreição de Jesus seria o último sinal da sua deificação, isto é, a sua transcendência para a glória. Segundo Petitfils “Esse é um fenômeno objetivo em si, portanto, histórico, mesmo se a Ressurreição escapa, na plenitude de sua dimensão metafísica, à história” (2015, p. 312).

Voltando-nos para o relato de Felipe, este faz alusão primeiro ao processo de ressurreição de Cristo e posteriormente a sua morte, nestes termos o processo de deificação de Jesus em Felipe não é concluído na sua ressurreição, como é apontado no Evangelho de João, uma vez que, a própria ressurreição é construída em vida a partir do batismo. É neste sentido, que os escritos gnósticos norteiam para a necessidade do conhecimento oculto que há na história da figura de Jesus, uma vez que, alcançado esse conhecimento é concedida a iluminação necessária para a compreensão do verdadeiro mistério.

Visivelmente, grande parte da narrativa de Felipe não propaga ideias semelhantes com as que são aludidas no evangelho canônico. Isto é, todo o processo salvífico que Jesus deveria ser submetido desde o nascimento até o cumprimento do seu processo de divinização.

Tanto em Felipe quanto em João, o processo de deificação de Jesus faz parte de um plano de salvação “Cristo, “efígie do Pai”, Cristo Ecce homo reúne em si a imagem de Deus e a imagem do homem. [...] Deus encarna-se, assim, em seu ícone vivo: Deus não está fora de seu contexto ambiental, o homem é a face humana de Deus” (EVDOKIMOV, 1986, p. 67). Todavia, o que difere é a forma como esse processo é narrado.

### **Considerações finais:**

Escrever sobre a trajetória de Jesus é sempre um desafio. Pelo tear religioso ao qual estamos inseridos e que somos direto ou indiretamente influenciados e, claro, pela responsabilidade de apresentar uma nova perspectiva sobre a vida de um homem que fez e faz parte da história de milhões de pessoas em todo o mundo, há muitos séculos o que o torna, conseqüentemente, a figura mais reputada na história universal. Ainda assim, nos dedicamos a pesquisar, analisar e escrever sobre essa figura tão renomada em todo o mundo, afim de apresentar a comunidade acadêmica e a comunidade em geral mais um aporte significativo sobre a vida e trajetória do Nazareno.

Para a realização deste presente trabalho foi efetuada uma revisão teórica sobre estudos endereçados ao nosso objeto de estudo, isto é, Jesus. Contamos, desta maneira, com a colaboração de vários estudiosos que se debruçaram em prol da pesquisa das religiões para a completude das nossas ideias como também para que pudéssemos relacionar com prudência todo o processo de aceitação e distribuição dos escritos cristãos no Império Romano que culminaram na perpetuação da religião cristã e, por consequência, para ter adquirido tamanho renome mundialmente.

Usamos da história comparada como instrumento para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, sendo um método de pesquisa prático nos possibilitou analisar as fontes com mais particularidade o que permitiu uma melhor avaliação mais abrangente do processo de deificação nos dois evangelhos.

Acreditamos que conseguimos atingir nosso principal objetivo que foi analisar o processo de deificação de Jesus segundo o Evangelho de João e o Evangelho extracanonico de Felipe.

Consideramos que apesar das limitações que a pandemia nos impôs, conseguimos concluir com êxito este ensaio com competência, assim, pode ser indicado para uso em pesquisas futuras devido possuir a finalidade de proporcionar a comunidade acadêmica uma nova ótica sobre a vida de Jesus dentro da história das religiões por meio da história comparada.

Este trabalho pode servir também como ponto de partida para o aperfeiçoamento ou continuidade ao tema ou para a apresentação de uma nova visão sobre o mesmo.

Considera-se este presente trabalho de grande valia para o campo social e acadêmico, dado que, abre um leque de possibilidades para pensar a história de Jesus, por meio da história comparada, em outros seguimentos da sua vida e, inclusive, fazer a comparação com outros extracanjônicos que ainda são pouco conhecidos dentro do mundo acadêmico e também de uma maneira geral.

**REFERÊNCIAS:**

**Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia.** Organização Eduardo de Proença. Editora: fontes, 2005.

BARROS. José D'Assunção. **História Comparada** – um novo modo de fazer história - Revista de História Comparada, v 1, n° 1, p. 1 – 30, jun./2007

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada.** Petrópolis: Vozes, 2014.

BASCHET. Jérôme /**A Civilização Feudal: Do Ano mil à Colonização da América** – São Paulo: GLOBO, 1.ed. 2006.

BELTRÃO, Cláudia. **Interpretatio, solo e as interações religiosas no Império Romano Saberes e Poderes no Mundo Antigo** - Vol. 1 - Dos saberes, 2013.

**BÍBLIA, Ave Maria.** Tradução de Frei José Pedreira de Castro. 207° ed. – São Paulo – 2015.

CAVALCANTI, J.B.; BARROSO, A. L. S. **Poder Político e Poder Religioso na História dos Cristianismos Antigos.** Do Pluralismo à Exclusão Institucional. Revista Jesus Histórico, v. 14, p. 87-101, 2015.

CARDOSO, Ciro F. **Sete olhares sobre a antiguidade.** Brasília: Ed. UnB, 1994.  
**CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática **Dei Verbum.** Petrópolis: Vozes, 1969.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus Histórico: uma brevíssima introdução** / André Leonardo Chevitarese; Pedro Paulo A. Funari. – Rio de Janeiro: Klíne, 2016.

CROSSAN, Jonh Dominic, **O Jesus histórico: fontes e metodologias para a pesquisa.** \_\_\_\_ In: CHEVITARESE, André Leonardo, org: Cornelli, Gabriele, org.; Selvatici, Mônica, Org. Jesus de Nazaré: uma nova história / Organizado por André Leonardo Chevitarese, Gabriela Corneli e Mônica Selvatici. – São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

DEMIÚRGO... In: **Dicionário da língua portuguesa** / Aurelio Buarque de Holanda Ferreira. 13° ed. Rio de Janeiro: Gamma, 1981.

DELLA TORRE, Robson Murilo Grando,1986-D38a **A atuação pública dos bispos no principado de Constantino:** as transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia / Robson Murilo Grando Della Torre. – Campinas, SP: [s. n.], 2011. Orientador: Néri de Barros Almeida Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

EVDOKIMOV, Paul. L'Incarnation. **A mulher e a salvação do mundo.** São Paulo: Paulinas, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Franga de Almeida Sampaio. – Editora Loyola – São Paulo, 1999.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**/ Etienne Gilson: [tadução Eduardo Brandão] – São Paulo: Martins Fontes, 1995. – (Paidéia)

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**: Antiguidade clássica II. 15º, ed. Petrópolis: vozes, 2002.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. (Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Cláudia Berliner.) 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. Tradução de João Batista. 2, ed. São Paulo: Vida, 2007.

JUSTI, Daniel Brasil. J96c **A construção de Paulo de Tarso como homem divino (thēiōs anēr) em Atos dos Apóstolos**: as culturas mediterrânicas e paleocristãs em perspectiva comparada / Daniel Brasil Justi. - - Rio de Janeiro, 2015. xii, 259 f.: il. Orientador: André Leonardo Chevitaresh. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós Graduação e História Comparada, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **O anticristo** / F. W. Nietzsche. – São Paulo: Martin Claret, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Humano, demasiado Humano**. Tradução: Antonio Carlos Braga. Coleção Grandes obras do Pensamento Universal – 42. – Editora: Escala – São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, William Braga. **Cristianismos na Antiguidade e Livros Didáticos**: Um Manual Pedagógico Como Proposta ao Ensino de História Voltado ao Professor (a) do Ensino Médio / William Braga Nascimento. – São Luís, 2018. 124f. Dissertação (Mestrado) – História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

RAMALHO, Jefferson, **Jesus é Deus?** – uma reflexão sobre a divindade de Cristo na História. São Paulo: Editora Reflexão, 2008.

Santo Irineu de Lyon. Contra os Hereges. Cortesía de la Conferencia del Episcopado Mexicano para la BIBLIOTECA CATÓLICA DIGITAL. Fonte: [http://www.mercaba.org/Tesoro/IRENEO/00\\_Sumario.htm](http://www.mercaba.org/Tesoro/IRENEO/00_Sumario.htm) Acesso em: 07 de out de 2019.

SOBRAL, Virna Pedrosa. **O EVANGELHO DE FILIPE E O CONTEXTO HISTÓRICORITUALÍSTICO VALENTINIANO NO SÉC.II d.C.** (Dissertação de Mestrado) instituto de Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História. Professor Orientador: Dr. Vicente C.R.A. Dobroruka Brasília 27 de junho de 2011.

PAVIANI, Jayme. **O filósofo como homem divino**. Revista Hypnos ano 10 / nº 15 – 2º sem. 2005 – São Paulo / p. 1-12

PRATES, Ademilson Eustáquio; PIMENTEL, Cláudio Santana. **A ciência da religião e o estudo dos textos sagrados.** \_\_\_\_ In: Hermenêuticos dos textos sagrados. Org.; Ademilson Eustáquio Prates; org.; Claudio Santana Pimentel - Ciências da Religião – ead. Unimontes.br

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lugares de apócrifos no cristianismo dos primeiros séculos, e além dele.** Revista de teologia e ciências da religião universidade católica de pernambuco ISSN: 2237-907X DOI: 10.20400/P.2237-907X.2016V6N1P079. 2016.

VEIGA, Daniel Soares. **No princípio era o Logos... A encarnação divina no evangelho de João na perspectiva da filosofia grega.** Revista Jesus Histórico, VII:13, 2014.

VEIGA, Daniel Soares. **Jesus: uma análise do seu processo de divinização pela comunidade joanina no final do século I, dentro do contexto da sociedade imperial romana.** Revista Jesus Histórico, VI:10, 2013.

VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão.** Tradução de Marcos de Castro. 2º, ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
JOSÉ ALBANO DE MACEDO – CSHNB/UFPI

**Identificação do documento**

- tese  
 dissertação  
 monografia  
 artigo

Eu, **Damiana Andrelane Mota da Silva**, CPF **070.860.013-17**, nº de matrícula **20169038140**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação: **O processo de deificação de Jesus: um estudo comparativo entre o Evangelho de João e o Evangelho extracanônico de Felipe** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação científica gerada pela Universidade.

Atenciosamente,

*Damiana Andrelane Mota da Silva*

---

Damiana Andrelane Mota da Silva